

MONOGRAFIA
TCC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LETRAS

RONALDO PELICOLI

A RÊNTI TARRA EM CARRA MERMO:
A ASPIRAÇÃO DE FRICATIVAS NA FALA DE SALVADOR

Salvador
2008

RONALDO PELICOLI

***A RÊNTI TARRA EM CARRA MERMOM:*
A ASPIRAÇÃO DE FRICATIVAS NA FALA DE SALVADOR**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota

Salvador
2008

AGRADECIMENTOS

A Jacyra Andrade Mota, minha orientadora, pela atenção e pela paciência com o pesquisador incipiente.

Às meninas do Projeto ALiB – Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, pela presteza e companhia ao longo desta pesquisa.

À minha família de sangue, que, lá do meu Rio Grande do Sul, sempre acreditou em mim.

À minha família por afinidade: os meus amigos, que compreendeu minha falta quando precisei estar ausente; que comemorou (e comemora) comigo as minhas conquistas.

Aos meus colegas de faculdade que não são mais só colegas, pelo incentivo e vibração a cada etapa cumprida.

À Bahia, que me acolheu e que me encanta, desde o ponto de articulação de seus falantes.

Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise da realização aspirada de consoantes fricativas /ʒ, v, z/ em cabeça de sílaba e do /S/ em coda silábica na fala da cidade de Salvador, procurando descrever seus condicionantes intralingüísticos e extralingüísticos. Tomou-se como suporte teórico a sociolingüística laboviana e a geolingüística pluridimensional para a realização deste trabalho. Foram ouvidos oito inquiridos experimentais do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB, projeto que tem como principal objetivo descrever a realidade lingüística do português do Brasil. Os informantes foram selecionados, igualmente, quanto ao gênero (quatro informantes de cada sexo), quanto à escolaridade (nível fundamental e universitário) e quanto à faixa etária (20 a 30 anos – faixa I – e 46 a 61 anos – faixa II). Após o levantamento dos dados, as ocorrências foram submetidas ao programa Varbrul. Analisados os condicionantes do fenômeno, pôde-se perceber que o contexto fonológico seguinte, quando sonoro, favorece a aspiração, mas ela ocorre também em contextos não-sonoros, porém em menor número. Verificou-se que, em Salvador, a variante aspirada ocorre tanto nos falantes de nível fundamental como nos de nível universitário, embora em maior número nos primeiros, o que se pode interpretar como a não-estigmatização da variante. Pode-se, também, falar numa difusão lexical de itens como *mesmo*, *a gente* e do sufixo do imperfeito *-ava*, pois há, neles, maior ocorrência da variante.

Palavras-chave: Aspiração de fricativas. Língua falada. Salvador. Projeto ALiB.

ABSTRACT

This work presents the analysis of the aspirated realization of fricatives /ʒ, v, z/ at the onset and the /S/ at the coda in the spoken language in Salvador, aiming at describing its linguistics and extralinguistics factors. The Labovian sociolinguistics and the pluridimensional geolinguistics were used as theoretical base in the accomplishment of this study. Eight experimental linguistic inquiries of the Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB – were heard. This project intends to describe the linguistic reality of the Brazilian Portuguese. The subjects were selected equally according to gender (four of each one), educational background (basic and higher education) and age (20 to 30 years old – group I – and 46 to 61 years old – group II). After the data assessment, it was analyzed by the Varbrul program. Having analyzed the phenomena factors, the following phonological context was noticed: when voiced, it helps the aspiration, whereas less likely, it also occurs in voiceless context. We have learned that, in Salvador, the aspirated variant occurs with basic education speakers as well as with higher education ones, although more often amongst the first ones, which can be interpreted as non-stigmatization of the variant. A lexical diffusion of items such as *mesmo*, *a gente* and of the imperfect tense suffix *-ava*, may also be pointed out, as they are bound to have greater variant occurrence.

Keywords: Aspiration of fricatives. Spoken language. Salvador. ALiB Project.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Freqüência geral da realização aspirada do /S/ em coda silábica	22
Tabela 2 –	Realização aspirada do /S/ em coda silábica no contexto fonológico seguinte	24
Tabela 3 –	Realização aspirada do /S/ em coda silábica segundo a variável classe gramatical	27
Tabela 4 –	Aspiração do /S/ em coda silábica segundo a usualidade do item lexical	28
Tabela 5 –	A posição na sílaba em que a aspiração é realizada	29
Tabela 6 –	Realização aspirada do /S/ em coda silábica segundo as variáveis sociais	30
Tabela 7 –	Aspiração do /S/ em coda silábica segundo a faixa etária	31
Tabela 8 –	Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o nível de escolaridade	32
Tabela 9 –	Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o sexo do informante	33
Tabela 10 –	Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o tipo de questionário	34
Tabela 11 –	Ocorrências da aspiração de /ʒ/ cabeça de sílaba	36
Tabela 12 –	Ocorrências da aspiração de /v/ cabeça de sílaba	37
Tabela 13 –	Ocorrências da aspiração de /z/ cabeça de sílaba	38
Tabela 14 –	Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo as variáveis sociais	40
Tabela 15 –	Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo a faixa etária	40
Tabela 16 –	Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo o nível de escolaridade	41
Tabela 17 –	Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo o sexo do informante	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	8
2.1	A SOCIOLINGÜÍSTICA	8
2.2	A DIALETOLOGIA	10
2.2.1	O Projeto ALiB – Atlas Lingüístico do Brasil	12
2.3	OUTRAS ANÁLISES SOBRE AS FRICATIVAS ASPIRADAS	13
3	METODOLOGIA	16
4	ANÁLISE DOS DADOS	22
4.1	A ASPIRAÇÃO DO /S/ EM CODA SILÁBICA	22
4.1.1	As variáveis lingüísticas explanatórias	23
4.1.1.1	<i>O contexto fonológico seguinte</i>	24
4.1.1.2	<i>A classe gramatical</i>	26
4.1.1.3	<i>Usualidade do item lexical</i>	28
4.1.1.4	<i>A posição na sílaba</i>	28
4.1.1.5	<i>As variáveis sociais</i>	29
4.1.1.5.1	<i>A faixa etária</i>	31
4.1.1.5.2	<i>O nível de escolaridade</i>	31
4.1.1.5.3	<i>O sexo do informante</i>	33
4.1.1.6	<i>As outras variáveis</i>	34
4.2	A ASPIRAÇÃO EM CABEÇA DA SÍLABA	35
4.2.1	Do /ʒ/	35
4.2.2	Do /v/	37
4.2.3	Do /z/	38
4.2.4	Outros contextos	39
4.2.5	As variáveis sociais	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar a realização aspirada de consoantes fricativas na fala da cidade de Salvador, Bahia, com base nos dados de oito inquéritos experimentais do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), gravados entre março de 1999 e janeiro de 2006. Nessa descrição, serão levantados os contextos intralingüísticos e extralingüísticos em que ocorre a aspiração dessas fricativas.

A *rênti tarra em carra mermo* é um exemplo dos contextos em que a aspiração de fricativas pode acontecer. O ponto de articulação é realizado na glote, sem a obstrução total do ar, modo como são realizadas todas as fricativas. Se não se levar em conta a variação, o exemplo ficaria *A gente tava em casa mesmo*, desaparecendo a aspiração do /ʒ/, do /v/, do /z/ em cabeça de sílaba e do /S/ em coda silábica, respectivamente. Essa aspiração é representada foneticamente por [ɦ] ou [h], a primeira no contexto sonoro, como nos exemplos acima; a segunda, em contextos não-sonoros, como se pode perceber em *domé[h]tica*. Itens lexicais como esses chamaram atenção de um “estrangeiro lingüístico”¹, residente em Salvador há cinco anos. Muitas vezes, a fala é realizada de maneira que se utilize o princípio do menor esforço, “segundo o qual sons menos complexos (não marcados) tendem a substituir os mais complexos (marcados)” (CALLOU et al., 2002, p. 553). O falante tende a simplificar seu modo de reprodução.

É importante que se descrevam os processos fonético-fonológicos da língua portuguesa para se mostrar a diversidade lingüística nela existente. Quando se estuda a fonética de nossa língua, as variantes [ɦ] e [h], em geral, são pouco consideradas. Talvez por se tratar de uma variante não-estandardizada, talvez por ser um fenômeno que não tem a difusão televisiva dos grandes centros urbanos. Em artigo publicado na Revista *Língua Portuguesa*, o professor da Universidade de São Paulo Mário Eduardo Viaro alerta que não é dada muita atenção para esse fenômeno ao dizer: “O mais curioso é que tal fenômeno, apesar de relativamente conhecido, tenha sido até hoje tão pouco estudado pela Lingüística. Por se tratar de uma variante *substandard*, é ignorada, como se não existisse” (2007, p. 64).

¹ Termo usado por Canovas (1996, p. 183).

Observa também que esse fenômeno aparece pela primeira vez em 1974, na tese pouco conhecida de Elizabeth H. K. Jeroslow, da Cornell University, intitulada *Rural Cearense Portuguese: a study of one variety of nonstandard Brazilian speech*, em que a autora sugere que a etimologia de *arretado* teria vindo de *ajetado*, decorrente da monotongação do item lexical *ajetado*.

+ Falas dos pressupostos teóricos -
 ✓ Fatores constitutivos do habelho -

+ 2 5

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA

A língua falada é, ao mesmo tempo, heterogênea e diversificada. Tarallo, em *A pesquisa sociolingüística*, chama atenção de que “tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (2004. p. 5). A “teoria da variação lingüística” propõe sistematizar o “caos” lingüístico, o universo aparentemente caótico da heterogeneidade da língua falada. A missão do pesquisador sociolingüista é analisar a situação de conflito e desmascarar a assistemática do “caos”, seja pelos fatores intralingüísticos, seja pelos extralingüísticos.

Scherre (1996, p. 43) elenca as tarefas do pesquisador variacionista dizendo que cabe a ele

identificar os fenômenos lingüísticos variáveis, definindo as variáveis dependentes; levantar hipóteses que dêem conta das tendências sistemáticas da variação lingüística; operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza lingüística e não lingüística; identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado; e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas.

Foi o americano William Labov quem iniciou, em 1963, o modelo teórico-metodológico que insiste “na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e a própria língua falada” (TARALLO, 2004, p. 7). Fez isso com um estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, nos Estados Unidos, lugar fechado, separado do resto do país, com habitantes que possuíam “a complexidade geográfica e social suficiente para

constituir um cenário amplo para a diferenciação do comportamento lingüístico”² (LABOV, 1983, p. 32). O estudo de Labov é composto por 69 entrevistas, realizadas entre 1961-62 com mais de 1% da população da ilha na época, que era de 5.563 habitantes. Contempla os ditongos /ay/ e /aw/ em itens lexicais como *right* e *white* ou *house* e *around*, utilizando uma escala de seis pontos, que mede desde a variante *standard* inglesa [aɪ/əw] até a forma mais centralizada [əɪ/əw].

Surgem, na heterogeneidade da língua falada, as variantes lingüísticas, que são duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Geralmente, a variante considerada padrão é conservadora e a que goza de prestígio sociolingüístico na comunidade de fala; e a variante não-padrão é estigmatizada pela sociedade. A variante conservadora é, em geral, preferida pelas pessoas com nível de escolaridade mais alto e pelas falantes mais velhas, haja vista que “as mulheres utilizam uma linguagem muito mais cuidada do que os homens” (MONTEIRO, 2000, p. 52), conforme comprovado em diversos estudos, inclusive do próprio Labov (1992 apud MONTEIRO, 2000, p. 52), que afirma que, em nível mundial, as mulheres tendem a privilegiar as formas de prestígio. Assim, a variante inovadora é preferida pelos mais jovens, do sexo masculino e de nível de escolaridade mais baixo.

Para analisar e sistematizar as variantes lingüísticas de uma comunidade de fala, o pesquisador deve seguir as seguintes etapas, conforme apontadas por Tarallo (2004, p. 10-11):

1. Fazer um levantamento exaustivo de dados de língua falada na comunidade;
2. Fazer uma descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
3. Analisar os possíveis fatores condicionadores lingüísticos ou não que favorecem o uso de uma variante sobre a outra;
4. Verificar o encaixamento lingüístico e social da variável na comunidade, ou seja, em que nível lingüístico e social a variável pode ser classificada;
5. Fazer a projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade.

² Na versão espanhola: “la compeljidad geográfica y social suficiente como para constituir um escenario amplio en cuanto a la diferenciación del comportamiento lingüístico”.

Brescancini (2002) mostra que a metodologia para o estudo de regra variável é composta por seis passos. O primeiro e o segundo são a definição da variável dependente e das variáveis independentes, estas abrangendo as características internas ao sistema lingüístico e as externas a ele; aquela a variante que se quer estudar. Depois é necessário delimitar a amostra e obter os dados, através de banco de dados pré-existente ou pela pesquisa de campo. Na seleção dos informantes, deve-se ter o cuidado para que contemplem as diversas características sociais da comunidade escolhida, fazendo a seleção dos informantes aleatoriamente. A quarta etapa é a transcrição e a codificação dos dados, seguida pela sua quantificação, através de um instrumento que “auxilie a extrair inferências” (id., idid., p. 24): neste trabalho, o Programa de Regras Variáveis – Varbrul, que é tratado na seção “Metodologia”. O último passo é a interpretação dos resultados.

A partir desses passos, o pesquisador poderá dar o diagnóstico sociolingüístico da comunidade, sendo que há duas opções: a variação estável ou a mudança em progresso. No caso da variação estável,

o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante lingüística sobre a(s) outra(s). Já o diagnóstico de mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala (LUCCHESI; ARAÚJO, 2008).

2.2 A DIALETOLOGIA

Juntamente com a sociolingüística, a dialetologia também estuda a diversidade da língua falada. Porém, a primeira tem seu maior objeto nas unidades sinstráticas e na diversidade diastrática, enquanto a segunda estuda principalmente as unidades sintópicas e a diversidade diatópica. Ferreira e Cardoso (1994) chamam a atenção de que a dialetologia há muito tempo estuda a variação lingüística segundo as causas sociais, segundo os recursos interpretativos que passaram a ser definidos como da sociolingüística. Silva-Corvalán (1988, p. 8) também observa:

Sociolingüística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas um vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que se dão entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a

sociolingüística, a dialetologia reconheceu desde sempre a existência da heterogeneidade lingüística.³

Uma periodização da dialetologia do Brasil é traçada por Mota e Cardoso (2006). As autoras dividem-na em quatro fases, ratificando as duas primeiras propostas por Antenor Nascentes, em 1952, e as três propostas por Cardoso e Ferreira, em 1994. De acordo com Nascentes, a primeira fase começa em 1826, com a publicação de Borges de Barros para o *Atlas Ethnographique du Globe*, com trabalhos no campo do léxico, como glossários, vocabulários, léxicos e dicionários; a segunda em 1920, com a publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Essa etapa, além do léxico, aborda estudos de natureza fonética, morfológica, sintática e semântica. A terceira fase inicia em 1952 e é caracterizada por trabalhos de natureza geolingüística, como a publicação, em 1963, do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

A quarta fase é marcada pela retomada do projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, em 1996, proposto inicialmente em 1952, através do Decreto 30.643 do governo brasileiro à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Junto com a retomada desse projeto, há a implementação de pesquisas na área da Geolingüística, com a publicação de trabalhos nessa área e com projetos de atlas lingüísticos regionais. A Geolingüística passa de monodimensional a pluridimensional, ou seja, estudos que antes eram monoestráticos, monogeracionais, monogenéricos, monofásicos passam a incorporar, além da diatopia, os princípios implementados pela Sociolingüística, que contempla as diversas classes sociais, gêneros, gerações, entre outros fatores.

As autoras ressaltam ainda que a geolingüística pluridimensional contemporânea, além de contemplar estudos fonético-fonológicos e léxico-semânticos, abarca estudos nos níveis morfossintáticos, pragmático-discursivos e metalingüísticos e está relacionada com outras ciências, como exemplo, a etnolingüística (MOTA; CARDOSO, 2006).

³ No original: Sociolingüística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinônimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.

Este trabalho terá como base os pressupostos da teoria variacionista e da dialetologia, focalizando a análise do fenômeno lingüístico – aspiração de fricativas – na língua falada da cidade de Salvador.

2.2.1 O Projeto ALiB – Atlas Lingüístico do Brasil

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – Projeto ALiB – possui caráter nacional e ganhou forma em 1996 em virtude do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia. Tem como principal objetivo descrever a realidade lingüística do Brasil, com perspectivas da Geolingüística Pluridimensional Contemporânea, identificando não só diferenças diatópicas, mas também diferenças diagenéricas, diageracionais e diastráticas.

Com essa descrição, pretende-se oferecer subsídios para aprimorar o ensino/aprendizagem, mostrar o caráter multidialetal do Brasil, traçando-se isoglossas lingüísticas, além de contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como um instrumento social de comunicação diversificado.

O projeto ajuda desde lexicógrafos que queiram ampliar seus dicionários a professores que queiram entender a profundidade da realidade lingüística de seus alunos, passando por gramáticos e autores de livros didáticos que precisem adequar suas obras à realidade lingüística.

Pretende documentar 250 pontos distribuídos pelo Brasil inteiro, cada um com quatro informantes, sendo oito nas capitais federativas. Os informantes são distribuídos eqüitativamente por faixa etária – faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (50 a 65 anos), escolaridade (fundamental e universitário) e por ambos os sexos.

O questionário lingüístico é composto pelo QFF – Questionário Fonético-fonológico, com 159 perguntas e um questionário de prosódia; pelo QSL – Questionário Semântico-lexical, com 202 perguntas; e pelo QMS – Questionário Morfossintático, com 49 perguntas. Além desses questionários, possui questões de Pragmática, perguntas metalingüísticas, temas para discursos semidirigidos e um texto para leitura.

Em Salvador, o projeto é coordenado pela Prof^a. Dr^a. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, também Diretora Presidente do Comitê Nacional e pela Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota, Diretora Executiva do Comitê Nacional.

2.3 OUTRAS ANÁLISES SOBRE AS FRICATIVAS ASPIRADAS

Lenição, reificação, glotalização, aspiração, heização, processo de enfraquecimento: diversos são os nomes encontrados para o fenômeno em que o ponto de articulação da consoante fricativa é realizado na glote, representado foneticamente por [ɦ], quando em contexto sonoro, e por [h], quando em não-sonoro. Neste trabalho será usado o item lexical *aspiração* para se referir ao fenômeno.

Então: a *aspiração* de fricativas pode ocorrer nos seguintes contextos:

- (i) quando o /S/ estiver em coda silábica;
- (ii) como variante de /v, z, ʒ/ cabeça de sílaba; e
- (iii) como variante de /x/, tanto em cabeça de sílaba quanto em coda silábica.

O /S/ em coda silábica pode ser realizado como alveolar [s, z], como palatal [ʃ, ʒ], como glotal [h, ɦ] e de forma apagada como zero fonético (∅). Das primeiras para as últimas, tem-se um grau de conservadorismo descendente; um grau de enfraquecimento ascendente e o ponto de articulação mais anterior para as alveolares e menos anterior para as glotais. A variante estudada neste trabalho possui, então, os traços [- conservadora], [+ enfraquecimento] e [- anterior].

Gryner e Macedo (2000, p. 45) apresentam duas hipóteses para o enfraquecimento: (i) [s, z] > [h] > ∅ e (ii) [s, z] > [ʃ, ʒ] > [h] > ∅. Ratifica-se aqui a posição de Canovas (1991) de que a primeira hipótese seja mais aceitável, pois as autoras lembram que o espanhol da América apresenta variação entre alveolar, aspirada e apagamento, não ocorrendo a palatal.

Mota (2002a, p. 218) chama atenção de que

o efeito da zona articulatória sugere, segundo Guy (1981), um padrão de dissimilação. Diz ele: "Em vez de produzir duas consoantes sucessivas (por exemplo, /st, zd/) com o mesmo articulador, neste caso a ponta da língua, a tendência é omitir a sibilante final de

sílaba” (p. 145), admitindo que essa seria também uma explicação possível para a frequência de [h, fi] diante de /n, l/, que eliminaria, assim, os dois gestos apicais adjacentes, necessários para a produção de [zn, zl].

Quanto ao /v, z, ʒ/ cabeça de sílaba, a realização pode ser feita pela sua variante plena ou como [fi], como se pode perceber nos exemplos:

Com o fonema /v/: “(...) fica[fi]a tonta, nervosa...” (Inq. 038);

Com o fonema /z/: “Não, no rio eu acho que é torrentes também, por cau[fi]a da gravidade.” (Inq. 046); e

Com o fonema /ʒ/: “Isso aí quando eu estudei [fi]á tem cinqüenta anos atrás.” (Inq. 015).

Dos trabalhos encontrados sobre esse assunto, dois são sobre Salvador: o de Canovas (1991), que contempla a variação fônica tanto do /S/ em coda silábica como de /v, z, ʒ/ cabeça de sílaba; e o de Mota (2002a) sobre o /S/ em coda silábica na fala culta da capital baiana. Também sobre o /S/ em coda silábica, pode-se citar o de Carvalho (2000), sobre a fala de Belém (único estudo que contempla sistematicamente a região Norte do Brasil); o de Palácio (1989), sobre a cidade de Recife; sobre o Rio de Janeiro, há o de Scherre e Macedo (2000 [1996]), que contempla a capital do estado e o de Gryner e Macedo (2000 [segunda metade da década de 1970]), que se refere à cidade de Cordeiro, no norte do estado, limítrofe com o estado do Espírito Santo; há também o de Callou et al. (2002), sobre as cinco capitais do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta – Projeto NURC: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A aspiração de /v, z, ʒ/ cabeça de sílaba é tratada por Marques (1998), este sobre a fala de João Pessoa. Em outro trabalho, a mesma autora (MARQUES, 2004) trata do /v/ em cabeça de sílaba, assim como faz Campelo (2004), porém sobre a fala do estado do Ceará. Outro trabalho bastante citado, ao qual não se teve acesso, é o de Roncarati et al. (1988), *Enfraquecimento das fricativas sonoras*, também sobre a língua falada do estado do Ceará, que contempla tanto a aspiração do /S/ em coda silábica, quanto as fricativas sonoras em cabeça de sílaba.

Aragão (2005) mostra que a variante aspirada já aparece em estudo de 1937, feito por Martins de Aguiar, no Ceará, em que as variantes /ʒ/ e /v/ sofrem alternância em itens lexicais como *jumento* > [h]umento e *estava* > esta[h]a.

Campelo (2004) traz um estudo fonostilístico de uma canção cearense, cujo compositor apresenta o estilo como desvio, explorando-o para expressar o humor através do modo de falar desviante. A canção em análise só contempla a aspiração do /v/ em cabeça de sílaba e, das 52 ocorrências analisadas, 50 ocorrem com as formas verbais *vem*, *vai*, *vamos*, *vê*, *cavar*, *levar*, *vendo*, *vá*, *vou* e duas com o pronome *ocê*. O autor observa ainda que o compositor julga como estigma a produção aspirada dessas consoantes, revelando a baixa escolaridade e o baixo estatuto sócio-econômico.

Morais (2002) escreve *Pedro Bunda*, que retrata a vida da personagem-título do conto, gêmeo siamês de Miguel Revólver, e de sua comunidade numa cidadezinha no interior da Bahia. Quando reproduz a fala das personagens, todas provenientes de um extrato mais baixo da sociedade, utiliza grafias como *mermo* (e sua variante *merma*), para o advérbio/determinante *mesmo* – oito ocorrências – e *carralo* (e sua variante *carralu*), para se referir a *cavalo* – duas ocorrências.

Quanto à realização do “r”, há oposição fonológica apenas em posição intervocálica, pois se pode realizá-lo como fraco (*caro*) ou forte (*carro*). O “r” fraco será realizado sempre como uma vibrante apical simples, identificado como tepe, representada foneticamente por [r]. A variação ocorrerá na realização do “r” forte que irá variar desde a múltipla vibrante [r] até a mais enfraquecida, a fricativa aspirada [h], verificando-se “uma mudança da norma de pronúncia da chamada vibrante forte, não só no ponto de articulação (de anterior para posterior), mas também no modo de articulação (de vibrante para fricativa)” (CALLOU; LEITE, 2001, p. 76). Silva (1999) traz estudo da realização do “r” nas cidades do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte. Mostra, em Belo Horizonte, que tanto em coda silábica quanto em cabeça de sílaba, o “r” é realizado de forma aspirada. No Rio de Janeiro, é realizada como fricativa velar, representada por [x].

Apesar de não se encontrarem muitos estudos feitos sobre o “r” na fala de Salvador, acredita-se que sua realização é feita com a variante aspirada [h] ou com a velar [x], semelhante com o que ocorre em Belo Horizonte, conforme dados

apontados por Silva (op. cit.). Entretanto, a realização do “r” fricativo aspirado não será tratada neste trabalho.

3 METODOLOGIA

O *corpus* utilizado para essa pesquisa foi composto por oito inquéritos experimentais do Projeto ALiB, de informantes nascidos na cidade de Salvador, distribuídos igualmente entre faixa etária (faixa I – 20 a 30 anos; faixa II – 46 a 61 anos), gênero (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário), conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 1

Quadro de informantes

Escolaridade	Gênero	Faixa Etária	Idade	Nº. Inquérito
Fundamental	Masculino	1	28	016
		2	46	007
	Feminino	1	22	042
		2	61	055
Universitário	Masculino	1	30	046
		2	49	015
	Feminino	1	24	062
		2	58	038 ⁴

Os inquéritos experimentais são os que serviram de base para a elaboração do questionário definitivo a ser utilizado na constituição do *corpus* do Atlas Lingüístico do Brasil. Possuem, cada um, em torno de duas horas e 30 minutos de gravação em fitas magnéticas. Vale salientar que quatro desses inquéritos não estavam transcritos e essa transcrição foi feita no decorrer deste trabalho.

⁴ Informante morou três anos em Dias D'Ávila, Bahia.

Devido ao grande número de ocorrências de /S/ em coda silábica (4.551) e à exigüidade do tempo disponível, as ocorrências de /v, z, ʒ/ em cabeça de sílaba não foram codificadas para serem rodadas no Programa de Regras Variáveis – Varbrul – e serão tratadas em capítulo à parte. Somente o /S/ em coda silábica foi codificado.

O Programa de Regras Variáveis – Varbrul (de *variable rules*) é um programa estatístico-matemático, criado, em 1974, por Henrietta Cedergren e David Sankoff, com o objetivo organizar dados lingüísticos, de acordo com uma variável dependente, nos seus ambientes possíveis, tanto do ponto de vista intra como do extralingüístico. Atualmente está na versão GOLDVARB.

A variável dependente é o contexto em que a variação ocorre. O Varbrul vai associar essa variável aos “diversos fatores de cada variável independente (...), a fim de que se possa medir a influência que cada um desses fatores exerce sobre a presença de uma ou outra variante” do fenômeno estudado (SCHERRE, 1996, p. 43). Nessa associação, o programa fornecerá um peso relativo entre zero e 1, que terá seu ponto de neutralidade em 0,50. Quando maior que 0,50, há favorecimento de aplicação da regra; quando menor, o desfavorecimento. Scherre (1996, p. 45) destaca que esse programa “é mais adequado dos que utilizam apenas percentagens, porque ele quantifica a influência relativa de cada variável, atribuindo pesos devidos aos seus diversos fatores”.

Além do peso relativo, outro recurso que o programa oferece é o nível de significância, que será considerado ideal quando estiver em 0,000. Neste estudo, ele ficou em 0,009, o que significa dizer que o grupo de fatores escolhido como estatisticamente significativo o é com uma margem de erro de 0,9%. Em outras palavras, há menos de 1% de possibilidade de que “a variável escolhida o tenha sido por mera flutuação estatística e não por refletir uma diferença estatisticamente pertinente” (SCHERRE, 1996, p. 47).

Os fatores lingüísticos ficaram distribuídos da seguinte maneira:

Variável dependente: Ocorrência (+) ou não (-) da aspiração; e

Variáveis independentes ou explanatórias:

Fator 1: Modo de articulação do contexto fonológico seguinte – nasal (n), oclusiva (o), fricativa (f), lateral (l) ou não se aplica (/). Não houve ocorrência de vibrante;

O contexto “não se aplica” aparece nos fatores 1, 2 e 3 para quando o /S/ em coda silábica ocorrer diante de pausa.

Fator 2: Ponto de articulação do contexto fonológico seguinte – bilabial (b), labiodental (l), alveolar (r); palatal (p), velar (v) e não se aplica (/);

Fator 3: Sonoridade do contexto fonológico seguinte – sonoro (O), não-sonoro (U) ou não se aplica (/).

Faz-se necessário ressaltar os procedimentos adotados no levantamento dos dados para o contexto fonológico seguinte. Tome-se como exemplo

Rapaz, **três e** dois, cinco e um, seis, **e** dois, sete, né? Três **e** dois, cinco, seis, sete. Sete, sete quadrinhos, sete quadrados. (Inq. 015)

Foram descartados:

(i) o /S/ em coda silábica quando a palavra seguinte iniciava por /s/ ou /z/, por ser um contexto difícil de depreender, apenas de ouvido, sem o auxílio de aparelhos, não sendo possível perceber se há um ou dois segmentos, como destacado com o recurso sublinhado;

(ii) o /S/ em coda silábica diante de vogal, pois se subentende que se trata de cabeça de sílaba, ocorrendo o fenômeno da ressilabação, como destacado em **negrito** (*trê-se-dois*);

Das dez ocorrências citadas no exemplo anterior, foram consideradas como ocorrências apenas a primeira e a última; a primeira diante de consoante não-sonora (*Rapaz, três e cinco...*); a última diante de pausa (... *sete quadrados* #);

Fator 4: Tonicidade da sílaba: tônica (T), anterior à tônica (A), e posterior à tônica (P);

Fator 5: Número de sílabas do item lexical – uma a três sílabas ou mais de três (respectivamente, 1, 2, 3 e 4);

Os itens lexicais como *arco-íris*, *rasgá-lo* ou *louva-deus* foram considerados com o número de sílabas da palavra composta, pois o falante, em geral, não se dá

pp pausa

conta da composição, isto é, em *arco-íris* e *louva-deus*, quatro sílabas; em *rasgá-lo*, três sílabas.

Fator 6: Classe gramatical do item lexical no contexto – verbo (v), substantivo (s), adjetivo (A), pronome (P), numeral (n), advérbio (a), conjunção (c), preposição (p) e determinante (d).

Para se classificar em substantivos e adjetivos foi utilizado o critério sintático, de acordo com a função que esses itens ocupavam na frase.

Também referente a essas classes gramaticais, Perini observa que “[n]o momento que uma palavra começa a ser usada com um novo significado (o que ocorre com frequência), ela precisa mudar seu comportamento gramatical de acordo com sua nova função” (1997, p. 45). Exemplo disso pode ser observado no trecho:

INQUIR.: E esse do... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos do dente queiro. Como é que chama?
INF.: São o[*h*] *molares*. (Inq. 038)

O item *molares* foi considerado como substantivo, visto que, quando o falante se refere aos tipos de dentes, utiliza, na maioria das vezes, somente o nome do dente, podendo ser considerado como substantivo.

Quanto aos determinantes, foram utilizadas como referência Pontes (1978) e Lemle (1984). A primeira autora os caracteriza por precederem o nome, incluindo nessa classe gramatical os artigos, alguns pronomes demonstrativos, indefinidos e possessivos e alguns numerais. Outras características são que concordam em gênero e número com os nomes e que se revelam na transformação de elipse de nome idêntico. Já Lemle chama a atenção de que os determinantes são elementos gramaticais, em número finito, enquanto os substantivos e verbos têm de ser alistados no léxico e são infinitos.

Mateus et al. (1983, p. 256) dizem que o termo *determinante* “tem como base o facto de todos eles ‘determinarem’ o N[ome] do ponto de vista semântico: com este termo se designam os artigos e os ‘adjectivos determinativos’ (demonstrativos, possessivos e indefinidos)”.

Foram considerados pronomes os núcleos de sintagmas nominais (SN), como *eles*, *nós*, *vocês*.

No caso de contrações de determinantes com preposição, foram considerados os determinantes, que são os itens em que ocorre o morfema de plural. Como exemplo:

A minha à[fi] vez eu coloco muito sal porque eu fico nervosa (Inq. 055).

Outra contração encontrada foi a de preposição com pronomes, como em

ajeitar a vida *deles* tudo e viver o resto da vida com o dinheiro, curtindo, passeando... (Inq. 016),

em que foram considerados os pronomes.

Foram codificados como numerais somente os itens em respostas como a da pergunta: “O que vem depois do dois?” “Três”.

Fator 7: Usualidade do item lexical – *mesmo(s)/mesma(s)* (m) e outros itens lexicais (o);

Fator 8: Tipo de questionário – QFF (F), QSL (S), QMS (M) e Temas para discursos semidirigidos ou falas espontâneas (T).

As falas do QMS, em sua maioria, foram consideradas como espontâneas, pois as respostas desse tipo de questionário são obtidas através de discursos semidirigidos, e não com pergunta-resposta, como acontece com o QFF e o QSL.

Foram consideradas como respostas dos QFF, QSL e QMS mesmo as não previstas por esses questionários.

A leitura do texto presente nos inquéritos não foi considerada, pois só foi verificada uma única ocorrência no inquérito 042:

(...) acrescentou não foste capa[fi] de (...);

Fator 9: Posição na sílaba do /S/ em coda silábica – medial como em *mesmo* (m), final diante de pausa como em *anos #* (p) e final diante de consoante, como em *dois livros* (c);

Em casos como

Não go[fi] di sair pra passar (Inq. 038),

a ocorrência da aspiração foi considerada como diante de consoante e não como medial, pois o informante não realizou a segunda sílaba do verbo *gostar*.

Fator 10: Faixa etária – 20 a 30 anos (1) e 46 a 61 anos (2);

Fator 11: Gênero – masculino (h) e feminino (m); e

Fator 12: Escolaridade: fundamental (f) e universitário (u).

Como exemplo da codificação, tem-se o quadro abaixo que trata de um contexto em que ocorre a aspiração (+) diante de consoante oclusiva (o), bilabial (b) sonora (O), em item lexical de sílaba tônica (T), monossílabo (1), pertencente à classe gramatical dos determinantes (d), sendo um item lexical diferente de *mesmo* (o), ocorrido em uma fala espontânea (T), diante de consoante e em final de palavra (c), referente ao inquérito 038, cujo informante pertence à faixa etária 2, homem, com nível universitário (2hu).

Ocorrência	Codificação
<i>Você tá trocando a[fi] bola?</i>	+obOT1doTc2hu

Para efeito de ocorrências, também não foram considerados:

(i) palavras truncadas, comuns à língua falada, como ocorre na primeira ocorrência de

Esp... é espiga. (Inq. 062)

ou em

Esse aqui. Escap... escápula não. Esqueci. (Inq. 062);

(ii) casos em que há segmentos seguintes ininteligíveis, como acontece em

É aquelas (inint) evita cruzamento das estradas. (Inq. 038).

(iii) itens em que não há a realização do /S/, tanto na concordância nominal como em contextos monomorfêmicos, como ocorre nos exemplos do inquérito 016:

Isso aí é o **mai** fácil.

Se chama, ô, mu **Deu**...

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 A ASPIRAÇÃO DO /S/ EM CODA SILÁBICA

Nesta análise variacionista da realização do /S/ em coda silábica, foram depreendidas 4.551 ocorrências, sendo 1.447 em contexto fonológico seguinte sonoro, 2.335 em contexto não-sonoro e 769 diante de pausa, sem contexto fonológico seguinte. A realização aspirada do /S/ em coda silábica ficou distribuída da seguinte maneira:

Tabela 1

Freqüência geral da realização aspirada do /S/ em coda silábica

Realização aspirada...	Nº. de ocorrências/Total	Freqüência
... diante de contexto sonoro	432/1.447	29,85%
... diante de contexto não-sonoro	27/2.335	1,16%
... sem contexto fonológico seguinte	6/769	0,78%
TOTAL	465/4.551	10,22%

Os resultados coincidem, com uma pequena variação, com o estudo feito por Canovas (1991) sobre a fala de Salvador, em que a aspiração ocorre em 31,31% diante de contexto fonológico seguinte sonoro e 1,67% diante de não-sonoro. Há uma significativa redução neste estudo quando diante de pausa: 0,78% contra 5,21% do estudo da referida autora.

Mota (2002a) traz um panorama geral de estudos feitos sobre as variantes do /S/ em coda silábica em diversas cidades no Brasil, a saber:

(i) em Salvador: a aspiração acontece em baixíssimo percentual de freqüência: 1,73% em dados analisados por Mota, Rollemberg e Oliveira (1998); 2% na amostra analisada por Rollemberg (1993);

(ii) no Sul: a aspiração não ocorre, conforme estudos feitos por Vandresen (1990) com 24 informantes de cada capital (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba);

(iii) no Rio de Janeiro: a aspiração é documentada por Callou e Marques (1975) numa frequência muito baixa, somente em 0,40% dos casos. Em outra análise feita por Scherre e Macedo (2000), a variante aparece em número maior: 8% dos casos;

(iv) a autora trata de outras localidades, como Paraíba, Natal, Recife, mas não há menção de percentuais e pesos relativos.

Também sobre o Rio de Janeiro, a variante aspirada aparece com porcentagens semelhantes, em torno de 7%, tanto em estudo feito sobre a capital (SCHERRE; MACEDO, 2000) como em estudo feito sobre a cidade de Cordeiro, localizada no norte do estado (GRYNER; MACEDO, 2000).

Com base nos inquéritos do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta – Projeto NURC, Callou et al. (2002) fazem um estudo do /S/ em coda silábica nas cinco capitais contempladas pelo projeto: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Mostram que nas duas primeiras não ocorre a aspiração. No Rio de Janeiro, homens aspiram em 6% dos casos e mulheres em 10%. Recife aparece com 5 e 7%, respectivamente, para os falantes do sexo masculino e feminino. Em Salvador, ocorre a aspiração em 4% dos casos para os falantes do sexo masculino e 9% para os do sexo feminino.

4.1.1 As variáveis lingüísticas explanatórias

O programa de Regras Variáveis selecionou como estatisticamente relevantes as seguintes variáveis explanatórias, nesta ordem: (i) contexto fonológico seguinte; (ii) classe gramatical; (iii) faixa etária; (iv) usualidade do item lexical; (v) nível de escolaridade; (vi) posição na sílaba; e (vii) sexo do informante. Nas seções abaixo serão apresentados os resultados de cada uma delas:

4.1.1.1 O contexto fonológico seguinte

Foram reunidos os fatores 1 (modo de articulação), 2 (ponto de articulação) e 3 (sonoridade) para se ter o contexto fonológico seguinte, ficando a distribuição aspirada conforme tabela 2 abaixo:

Tabela 2

Realização aspirada do /S/ em coda silábica no contexto fonológico seguinte (nível de significância: 0,009)

Forma	Nº. de oc./Total	Frequência	P. R.
Diante de /m/	214/505	42%	0,93
Diante de /n/	90/265	34%	0,93
Diante de /p/	6/417	1%	0,29
Diante de /b/	14/61	23%	0,88
Diante de /t/	7/801	1%	0,31
Diante de /d/	65/309	21%	0,90
Diante de /k/	3/860	0%	0,12
Diante de /g/	5/42	12%	0,79
Diante de /f/	1/227	0%	0,08
Diante de /v/	20/163	12%	0,78
Diante de /z/	1/31	3%	0,39
Diante de /x/	10/30	33%	0,93
Diante de //	23/71	32%	0,93
TOTAL	459/3.782	12%	---

Os resultados demonstram que o contexto fonológico seguinte, quando sonoro, favorece a aspiração, sendo que quase todos os contextos desse tipo estão acima dos 0,50 de peso relativo, que indica neutralidade do fator. Os que mais se destacaram foram, nesta ordem, o /m, n, l, d, b, g, v/, os três primeiros com peso

relativo de 0,93 e os outros, respectivamente, com pesos relativos de 0,90, 0,88, 0,79 e 0,78. A única consoante sonora em contexto fonológico seguinte que não obteve peso relativo significativo foi a /ʒ/ (0,39), provavelmente devido ao número mínimo de ocorrências (uma em 31) que se obteve no *corpus*.

Por outro lado, percebe-se que o contexto fonológico seguinte, quando não-sonoro, não favorece a aspiração, conforme se pode perceber na tabela acima. Exceção é feita à consoante /x/, que é aspirada em 33% dos casos, com peso relativo de 0,93, mesmo peso das sonoras /l, m, n/. O que pode ocorrer é um processo de assimilação, porque o fonema “r” em cabeça de sílaba, na fala de Salvador, é, em geral, realizado como a variante velar /x/, favorecendo a aspiração do /S/ em coda silábica quando em contexto precedente. Gryner e Macedo (2000) descartam essa realização em seu estudo, porque é um contexto em que a percepção fonética das variantes ([h] ou [x]) fica bastante prejudicada.

Para Canovas (1991), a forma aspirada do /S/ em coda silábica é superior à realização da alveolar diante de /m/ e /l/, tendo o item lexical *mesmo/a* contribuído para esse resultado. O grupo de soantes, em seu estudo, é o que mais favorece a aspiração na fala de Salvador: /l/ 48,38%; /m/ 40,65%; /n/ 37,50%; e /R/ 35,71%.

Mota (2002a) mostra que a variante glotal também é registrada no *Atlas Lingüístico da Paraíba* diante das soantes /m/ e /l/, citando estudo feito por Hora (1999). Referente a Natal, cita estudo feito por Pessoa (1986), que documenta a variante diante das consoantes /m, n, l, v, b, d/.

Em Recife, Palácio (1989) documenta que há bastante freqüência da variante glotal e cita que não há contexto nem fonológico nem morfológico para que esta variante ocorra. O traço [+ nasal] é o que mais favorece sua realização. Outro fator a que a autora atribui é a velocidade da fala, quanto mais alta, maior a realização da variante glotal.

No Ceará, Campelo (2004) cita estudo feito por Roncarati (s/d), que mostra uma alta produtividade na aspiração de /S/ em coda silábica diante da lateral /l/, das nasais /m/ e /n/ e também diante da oclusiva /d/.

Já Carvalho (2000), em estudo referente à fala de Belém, também aponta que o contexto fonológico seguinte, quando nasal (com peso relativo de 0,93) favorece a

realização da variante glotal. Quando fricativo, ocorre um bom resultado: 0,63 de peso relativo. Separa homens e mulheres, os primeiros realizam mais a aspiração diante de nasais (tanto na posição interna quanto na de juntura); as mulheres, diante de laterais.

Callou e Marques (1975 apud Canovas, 1991, p. 53) só constataram o /S/ aspirado diante de /v, m, n, d/. A pesquisa feita por Scherre e Macedo (2000), sobre a cidade do Rio de Janeiro, mostra que a lateral /l/ é a mais favorável para a ocorrência da aspiração, com peso relativo de 0,94, seguida pelas nasais /m, n/, com peso relativo de 0,87 e pelas oclusivas sonoras /b, d, g/ (0,79 de peso relativo). Gryner e Macedo (2000), sobre a cidade de Cordeiro-RJ, destacam, com peso relativo de 0,79, as consoantes soantes sonoras como favoráveis à aspiração.

4.1.1.2 A classe gramatical

Com essa variável, buscou-se mostrar em qual classe gramatical a aspiração é mais favorável. Foram distribuídas em:

- (i) verbo: “Não, só jogo do Brasil eu *gosto*” (Inq. 062);
- (ii) substantivo: “Mora nas *ruas*, né?” (Inq. 055);
- (iii) adjetivo: “Tem nomes *específicos*, mas eu não sei não.” (Inq. 046);
- (iv) pronome: “Aqui *nós* costuma dizer que é uma chuva fininha que molha os besta (...)” (Inq. 038);
- (v) numeral: “depois de *dois*, vem *três*.” (Inq. 015);
- (vi) advérbio: “É isso *mesmo*, galinha de Angola.” (Inq. 007);
- (vii) conjunção: “Pé de arroz não, *mas* pé de fumo já.” (Inq. 016);
- (viii) preposição: “(...) *desde* que você cozinhe bem.” (Inq. 046); e
- (ix) determinante: “Não, porque não são da *mesma* mãe.” (Inq. 042).

Além do que foi destacado na metodologia no que se refere às classes gramaticais, vale ressaltar a diferença do item lexical *mesmo* que ora aparece como advérbio, ora como determinante, como destacado nos exemplos acima.

As ocorrências ficaram distribuídas conforme tabela 3 abaixo:

Tabela 3

Realização aspirada do /S/ em coda silábica segundo a variável classe gramatical
(nível de significância: 0,009)

Classe Gramatical	Nº. oc./Total	Frequência	P. R.
Verbo	24/676	4%	0,54
Substantivo	34/1.752	2%	0,31
Adjetivo	11/224	5%	0,53
Pronome	36/237	15%	0,71
Numeral	3/27	11%	0,77
Advérbio	139/493	28%	0,63
Conjunção	41/129	32%	0,80
Preposição	2/8	25%	0,59
Determinante	175/1.005	17%	0,64
TOTAL	465/4.551	10%	---

Exceto os substantivos, todas as outras classes gramaticais obtiveram peso relativo superior aos 0,50, mas destaque é dado às conjunções, com peso relativo de 0,80 e 32% das ocorrências. Depois aos numerais, com 0,77 de peso relativo, apesar de seu baixo número de ocorrências, 27 das 4.551 do total, três delas aspiradas. E então aos pronomes, com 15% de ocorrências e um peso relativo de 0,71. As classes gramaticais em que os itens lexicais *mesmo(s)/mesma(s)* estão incluídos, determinantes e advérbios, obtiveram pesos relativos semelhantes: 0,64 e 0,63, respectivamente. O primeiro com 17% e o outro com 28%. Verbos e adjetivos estão próximos à neutralidade, com pesos relativos de 0,54 e 0,53. O baixo número de ocorrências das preposições (duas aspirações em oito) e seu peso relativo também próximo à neutralidade (0,59) não permitem que se faça qualquer afirmação categórica.

Uma gramática - felt done?

4.1.1.3 Usualidade do item lexical

Quanto à usualidade do item lexical, os dados foram codificados pela ocorrência do item lexical *mesmo* e suas variantes de gênero (*mesma*) e de número (*mesmos* e *mesmas*) em comparação com outros itens lexicais.

A tabela 4 demonstra os dados obtidos:

Tabela 4

Aspiração do /S/ em coda silábica segundo a usualidade do item lexical (nível de significância: 0,009)

Item lexical	Nº. oc./Total	Frequência	P. R.
<i>Mesmo</i> e suas variantes	156/313	50%	0,73
Outros itens lexicais	309/4.238	7%	0,48
TOTAL	465/4.551	10%	---

Em 50% dos casos em que o item lexical *mesmo* (ou suas variantes) ocorreu, foi realizado de forma aspirada. Com isso pode-se afirmar que a aspiração do /S/ em coda silábica pode ter começado com esse item lexical e depois ter sido difundido para outros, porque das 465 ocorrências aspiradas encontradas no *corpus*, 156 foram de *mesmo* ou 33,55%.

Em estudo feito por Scherre e Macedo (2000), o item lexical *mesmo* aparece com um peso relativo de 0,71, ao lado de itens como o pronome *nós*, com um peso relativo de 0,77, o advérbio *mais* com 0,74, a conjunção *mas* com 0,65. Já Gryner e Macedo (2000) excluem o item lexical *mesmo*, “dada a cristalização das variantes do S no vocábulo” (p. 29).

4.1.1.4 A posição na sílaba

Com essa variável, buscou-se observar em qual posição o /S/ em coda silábica era mais favorável à aspiração. Os fatores foram definidos da seguinte maneira:

- (i) em posição medial: “Uma chuva de tempestade me[**h**]mo” (Inq. 038);

- (ii) em posição final diante de consoante: “ma[fi] não sei o nome daquele[fi] negócio, não” (Inq. 007);
- (iii) em posição final diante de pausa: “Colegas, amigos, parceiro[s]. #” (Inq. 046).

Os dados ficaram distribuídos conforme tabela 5 abaixo:

Tabela 5

A posição na sílaba em que a aspiração é realizada (nível de significância: 0,009)

Posição do /S/	Nº. oc./Total	Frequência	P. R.
em posição medial	169/1.596	11%	0,51
em posição final diante de consoante	290/2.186	13%	0,62
em posição final diante de pausa	6/769	1%	0,18
TOTAL	465/4.551	10%	---

Percebe-se um peso relativo mais significativo (0,62) quando o /S/ em coda silábica é realizado em final de palavra, diante de consoante, ocorrendo em 13% dos casos. Quando em posição medial, o peso relativo cai, aparecendo com 0,51, em 11% dos casos. Vale ressaltar que o item lexical *mesmo*, tratado na seção anterior, é responsável por 92% (156 das 169 ocorrências), influenciando o resultado obtido, ou seja, colocando o /S/ em posição medial próximo à neutralidade.

Quando diante de pausa, o fato não se mostrou relevante, indicando, assim, que o contexto fonológico seguinte é primordial para a ocorrência do fenômeno em estudo.

4.1.1.5 As variáveis sociais

As variáveis sociais foram distribuídas (i) por faixa etária, (ii) pelo sexo do falante, e (iii) pelo nível de escolaridade, ficando as ocorrências distribuídas da seguinte maneira, conforme tabela 6:

Tabela 6

Realização aspirada do /S/ em coda silábica segundo as variáveis sociais (nível de significância: 0,011)

Variáveis Sociais		Nº. oc./Total	Frequência	P. R.	
Nível fundamental	Faixa 1	Homem	154/777	20%	0,78
		Mulher	23/269	9%	0,52
	Faixa 2	Homem	14/598	2%	0,15
		Mulher	70/462	15%	0,74
Nível Universitário	Faixa 1	Homem	25/464	5%	0,40
		Mulher	5/211	2%	0,30
	Faixa 2	Homem	103/718	14%	0,72
		Mulher	71/1.052	7%	0,33
TOTAL		465/4.551	10%	---	

Pode-se atribuir o alto número de ocorrências na faixa etária 2 devido ao informante masculino do nível universitário (14% das ocorrências e peso relativo de 0,72). O informante possuía um estilo brincalhão e a entrevista foi gravada com informalidade, o que ajuda a fala a ficar menos monitorada. Outro ponto que vale destacar é que o informante trabalha(va) na Prefeitura de Dias D'Ávila, cidade pertencente à grande Salvador. Outro destaque é dado aos informantes do nível fundamental: ao homem da faixa 1, que obteve o maior peso relativo (0,78); e à mulher da faixa 2, com 0,74 de peso relativo e 15% das ocorrências.

O Programa de Regras Variáveis obteve um nível de significância melhor quando foram separadas as variáveis sociais. Cada uma delas será tratada nas seções seguintes.

4.1.1.5.1 A faixa etária

O Varbrul selecionou este fator como o terceiro mais importante, seguido do contexto fonológico seguinte e da classe gramatical, já tratados anteriormente.

Espera-se, quando se trata dessa variável, que os falantes mais novos sejam propensos à inovação, enquanto os falantes mais velhos tenham um caráter mais conservador em sua fala.

Os dados obtidos ficaram da seguinte maneira, conforme tabela 7:

Tabela 7

Aspiração do /S/ em coda silábica segundo a faixa etária (nível de significância: 0,009)

Faixa Etária	Nº. oc./Total	Freqüência	P. R.
Faixa 1 – 20 a 30 anos	204/1.721	12%	0,56
Faixa 2 – 46 a 61 anos	258/2.830	9%	0,46
TOTAL	465/4.551	10%	---

O fator inovação é confirmado com os dados dos informantes da faixa etária I, com 12% das ocorrências e peso relativo de 0,56. Se se comparar com o quadro geral da tabela 6, pode-se perceber o baixo número de ocorrências dos informantes do nível universitário da faixa 1, com 5% e peso relativo 0,40 do homem e somente 2% e peso relativo 0,30 da mulher. A inovação ocorre somente na classe fundamental. O mesmo não ocorre nos estudos de Canovas (1991) feitos em Salvador e por Carvalho (2000) feitos em Belém, pois a variante aspirada é mais usada pelos mais velhos.

4.1.1.5.2 O nível de escolaridade

Quando ao nível de escolaridade, a amostra está distribuída em fundamental e universitário. O fator inovação é, quase sempre, esperado dos falantes que pertencem às classes sociais da base da pirâmide social e, conseqüentemente, detentores do nível de escolaridade mais baixo. Enquanto a variante padrão é

conservadora e a que goza de prestígio sociolingüístico na comunidade; a variante inovadora é, *quase sempre*, não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade (TARALLO, 2004).

Esse “quase sempre” merece destaque, pois, às vezes, a variante inovadora poderá gozar de prestígio e aparecer antes na classe social de *status* superior. Exemplo disso é o que ocorreu com o /S/ chiante no dialeto carioca quando a corte portuguesa, em 1808, fixou residência no Rio de Janeiro e a população local imitava a pronúncia dos nobres (MONTEIRO, 2000). Nesse caso, o tipo de mudança é identificado como “de cima para baixo”.

A tabela 8 mostra os dados obtidos conforme essa variável:

Tabela 8

Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o nível de escolaridade (nível de significância: 0,009)

Escolaridade	Nº. oc./Total	Freqüência	P. R.
Nível fundamental	261/2.106	12%	0,55
Nível universitário	204/2.445	8%	0,46
TOTAL	465/4.551	10%	---

A escolaridade também apareceu conforme as expectativas, pois os falantes do nível fundamental obtiveram um maior percentual (12% contra 8% dos informantes de nível universitário) e um maior peso relativo (0,55 contra 0,46 dos de nível universitário), demonstrando o caráter inovador em sua fala. Pode-se também afirmar que a aspiração de fricativas é uma mudança que ocorre “de baixo pra cima”, isto é, abaixo do nível de consciência do falante. A princípio, ocorria somente no nível fundamental e hoje já pode ser percebida em todas as camadas da sociedade.

Vale destacar que o caráter diastrático, não-estandardizado da variante contribui para a realização aspirada do /S/ em coda silábica, apesar de, em Salvador, a aspiração de fricativas não constituir um estereótipo, conforme comprovado neste estudo e em outros feitos em Salvador (CANOVAS, 1991; MOTA, 2002a), pois está presente em todos os níveis de escolaridade. Canovas (1996, p.

191) observa que “[o] falante, mesmo de grau universitário, quando alertado para o fato de ter produzido a aspirada, não expressa desdém, nem critica, acha o fato interessante”. Mota (2002b) julga a realização aspirada não como estereótipo, mas como uma variante diafásica.

O contrário ocorre em Recife, pois “esta permuta é altamente estigmatizada” (PALÁCIO, 1989, p. 25), apesar de a maioria das pessoas não ter consciência desse fato, como a própria autora enfatiza. O mesmo ocorre em João Pessoa, onde o fenômeno é estigmatizado e possui uma avaliação negativa da comunidade (MARQUES, 2004). E no Ceará, quando o compositor da canção analisada por Campelo (2004) faz um julgamento estigmatizador da produção da aspiração, quando cita o riso provocado no público que ouve a canção ou que lê sua letra. Em estudo referente à cidade de Cordeiro, norte do estado do Rio de Janeiro, Gryner e Macedo (2000) dizem que a variante aspirada não se define pela distribuição geográfica, mas por diferenças sociais.

Referente a Belém, o trabalho de Carvalho (2000) não traz nenhum julgamento se a realização da variante produz estigma ou não, só mostra que os falantes com nível de escolaridade mais baixo produzem mais a aspiração, com peso relativo de 0,66.

4.1.1.5.3 O sexo do informante

Esse foi o último fator que o Varbrul selecionou como relevante, ficando distribuído da seguinte maneira, conforme tabela 9:

Tabela 9

Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o sexo do informante (nível de significância: 0,009)

Sexo	Nº. oc./Total	Frequência	P. R.
Masculino	296/2.557	12%	0,54
Feminino	169/1.994	8%	0,45
TOTAL	465/4.551	10%	---

Os dados revelam que o sexo masculino favorece a aspiração com 12% de frequência e peso relativo de 0,54. Já, para o sexo feminino, os dados apontam para a queda em relação à frequência, com 8% e 0,45 de peso relativo. Também se confirma aqui um monitoramento maior na fala das mulheres, como é esperado, pois diversos estudos comprovam que as mulheres são mais conservadoras que os homens, procurando evitar as construções estigmatizadas e privilegiar as formas de prestígio.

4.1.1.6 As outras variáveis

Dentre as três variáveis excluídas pelo Varbrul na rodada definitiva: (i) tonicidade da sílaba; (ii) número de sílabas do item lexical; e (iii) tipo de questionário, vale fazer algumas observações sobre a última.

O tipo de questionário mostra que o nível de monitoramento é importante para a realização ou não da aspiração, como se pode perceber na tabela 10 abaixo:

Tabela 10

Aspiração do /S/ em coda silábica segundo o tipo de questionário (nível de significância: 0,058)

Tipo de Questionário	Nº. oc./Total	Frequência	P. R.
Fonético-fonológico – QFF	7/299	2%	.44
Semântico-lexical – QSL	6/487	1%	.35
Morfossintático – QMS	0/112	0%	.00
Falas espontâneas/Discursos semidirigidos	452/3.653	12%	.53
TOTAL	465/4.551	10%	---

Pode-se perceber que, quanto menos monitorada é a fala, maior será a realização da aspiração das fricativas, mostrando que o caráter diafásico vai ser fundamental para essa realização, pois o falante “adapta o seu desempenho à situação imediata do ato de fala, mostrando sua multidialetalidade, independente de seu grau de escolarização” (MOTA, 2002b, p. 74). As falas espontâneas e os

discursos semidirigidos, com 12% das ocorrências e peso relativo de 0,53, são prova disso.

4.2 A ASPIRAÇÃO EM CABEÇA DA SÍLABA

Outro contexto em que ocorre a aspiração de consoantes fricativas é em cabeça de sílaba, onde os fonemas consonânticos fricativos sonoros /ʒ/, /v/ e /z/ são realizados da mesma forma, com a variante [h].

No *corpus* analisado foram encontradas 171 ocorrências, sendo 99 ou 58% no lugar da fricativa palatal /ʒ/; 48 ou 28% no lugar da labiodental /v/; e 24 ou 14% no lugar da alveolar /z/. A seguir serão mostradas as tabelas com as ocorrências em cada contexto. Resultado semelhante é encontrado em João Pessoa (MARQUES, 1998), em que a aspiração de /ʒ/ aparece com peso relativo de 0,65, seguida pela aspiração de /v/ (peso relativo de 0,55) e de /z/ (peso relativo de 0,29).

Para Canovas (1991) o fonema /ʒ/ foi o que mais apresentou variação, diferentemente de Roncarati et al. (1988 apud Canovas, 1991), em que o maior índice de enfraquecimento ocorreu com o fonema /v/, constituinte do tempo imperfeito -ava. A autora observa que o processo de enfraquecimento de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba está em processo embrionário, pois as formas padrões foram quase unânimes em sua pesquisa: 95,87% para [v]; 98,52% para [z]; e 87,81% para [ʒ].

4.2.1 Do /ʒ/

Foram encontradas 99 ocorrências de /ʒ/ aspirado em cabeça de sílaba, distribuídas pelos itens lexicais conforme tabela 11:

Tabela 11

Ocorrências da aspiração de /z/ cabeça de sílaba

Ocorrência	Nº. oc./Total	Frequência
[h]ente	76/99	77%
[h]á	17/99	17%
ho[h]e	1/99	1%
[h]eralmente	1/99	1%
passa[h]em	1/99	1%
con[h]untivite/co[h]itivite	2/99	2%
[h]ogo (substantivo)	1/99	1%
TOTAL	99/99	100%

Como era de se esperar, o item lexical em que mais ocorreu a aspiração foi *gente*, com 76 ocorrências e 77% do total. Dessas 76 ocorrências, 71 ocorreram como no exemplo abaixo, quando a informante fala ao inquiridor como fazer um cozido, com o pronome *a gente*, substituindo a partícula indeterminadora do sujeito *se* ou o pronome *nós*:

(...) A [h]ente aí põe numa panela, lava ele bem lavadinho, bota a gordura na outra vasilha e quando... tá quente ele aí joga, a pessoa joga pra recheiar bem aquele tempero, bem temperado me[h]imo pra ficar bem coradinho e depois a [h]ente aí joga a carne, que a [h]ente já temperou a carne com sal, alho, pimenta, cominho, aí a [h]ente abafa, aí quando a [h]ente abafa deixa ali. Quando a [h]ente vai virando deixando a carne tostar bem, ficar bem tostado... Quando vai tostando a gente vai pondo um pouquinho de água, um pouquinho de água, um pouquinho de água até cozinhar, quando cozinha a [h]ente bota as verdura mais dura. Vamo supor: chuchu, a [h]ente não bota logo, a [h]ente bota o quê? Cenoura. (...) (Inq. 055)

As outras cinco ocorrências são do substantivo *gente*, como no exemplo

Rapaz, tem [h]ente que usa outra calça. Tem [h]ente que usa short, sunga, cueca, bermuda, cueca. (Inq. 015)

O outro item em que houve ocorrências com número significativo foi o advérbio *já*, com 17 das 99.

Pôde-se perceber que, nesses dois itens lexicais, a aspiração ocorre na sílaba tônica, como acontece também com o substantivo *jogo*. As demais ocorrências são em sílaba átona, duas em advérbios: *hoje* e *geralmente*; três em substantivos: *passagem* e *conjuntivite* e sua variante *cojitivite*.

4.2.2 Do /v/

Com a fricativa labiodental /v/, as 48 ocorrências ficaram distribuídas conforme tabela 12 abaixo:

Tabela 12

Ocorrências da aspiração de /v/ cabeça de sílaba

Ocorrências	Nº. oc./Total	Frequência
sufixo do imperfeito –a[ɦ]a	42/48	88%
flexões do verbo <i>ir</i>	5/48	10%
<i>inclusi[ɦ]e</i>	1/48	2%
TOTAL	48/48	100%

Outro contexto em que se esperava que a aspiração fosse realizada foi com o sufixo do imperfeito –ava, que aparece na maioria dos casos: 42 das 48 ocorrências, representando 88% do total. Alto índice de ocorrência com esse sufixo é também destacado no trabalho de Roncarati (1988 apud ARAGÃO, 2005). O exemplo abaixo demonstra esse caso, em que a variante padrão [v] aparece em concomitância com a variante aspirada [ɦ]:

Lá? Quando eu não ta[v]a, muitos ta[ɦ]am namorando, né? Outros passeando, sim. Un[ɦ] namorando, os oto[ɦ] dois passeando, como eu num ta[v]a com eles, eu ta[ɦ]a dormindo, eu gosta[ɦ]a de dormir. O que eu fazia lá era dormir, quando da[ɦ]a meio dia, eu almoça[v]a e ia dormir pra descansar. Só gosta[ɦ]a de sair pela tarde. (Inq. 016)

Excetuando a única ocorrência do advérbio *inclusive*, as outras cinco ocorrências são referentes ao presente do indicativo do verbo *ir*, em que todas as pessoas do discurso são contempladas: *eu vô*, *ele/ela/você/a gente vai*, *nós vamo* e *eles vão*.

4.2.3 Do /z/

Das fricativas sonoras, o /z/ foi a que menos ocorreu com a aspiração, em apenas 24 dos 171 casos encontrados. As ocorrências estão especificadas na tabela abaixo:

Tabela 13

Ocorrências da aspiração de /z/ cabeça de sílaba

Ocorrência	Nº. oc./Total	Frequência
Fenômeno da ressilabação	10/24	41%
ca[h]a	3/24	13%
coi[h]a	3/24	13%
ca[h]o	1/24	4%
cau[h]a	6/24	25%
qua[h]e	1/24	4%
TOTAL	24/24	100%

O /S/ em coda silábica, quando diante de vogal, foi descartado, como já dito anteriormente, pois é realizado foneticamente como cabeça de sílaba, ocorrendo o fenômeno da ressilabação. O exemplo abaixo mostra o contexto em que isso ocorre:

Geralmente é pra... pra puxar carga, puxar... pra puxar aquele[h] arados pra arar a terra. (Inq. 007)

Vale salientar que, das dez ocorrências, nove ocorreram com itens gramaticais, três com a conjunção *mas*, e um com cada um dos seguintes itens: com o numeral *dez*, com o advérbio *mais*, com o pronome *nos* e com os determinantes

aqueles, os e a contração preposição+artigo *dos*. Apenas uma ocorrência foi com o item lexical *ônibus*.

Pode-se reunir as outras 14 ocorrências em um grupo só, pois possuem características semelhantes: todas são dissílabas e a aspiração ocorre em sílaba átona, como se pode perceber nos itens *casa, coisa, caso, causa* e *quase*. Dessas, apenas *quase* não é substantivo.

4.2.4 Outros contextos

Interessantes são outras quatro ocorrências encontradas no *corpus* analisado, sendo três com a aspiração, em cabeça de sílaba, das fricativas não-sonoras /ʃ/ e /s/ e uma da lateral /l/. Ei-las:

Com o /ʃ/, no advérbio *embaixo*:

Tem a amuleta e o amuleto, devia ser... Amuleta é aquele negócio você bota... emba[h]o do braço pra mandar o capenga andar. É isso. Mas... Por que o femini... o masculino é diferente? Homem e mulher, né. A [fi]jente que sabe... É. O outro mesmo, o outro apóia também, né, o amuleto apóia, né, as idéias do[fi] outros. (Inq. 015);

Com o /s/, com o verbo *ser* na primeira pessoa do singular do indicativo e com o item lexical *negócio*, que primeiro é realizado com a variante [s] e depois com a aspirada:

Não [h]ei dizer a você. (Inq. 016);

Foi um negó[s]io assim de repente que até que ela me falou, foi um negó[h]io de repente. (Inq. 055);

Com o /l/, na contração preposição+pronome *dele*:

Tem que dizer o nome de[fi]e. Aí eu vou dizer assim, venha, Paulo, tomar café, com a... com a gente. (Inq. 042).

Pode-se afirmar que o fenômeno de aspiração de fricativas poderá se difundir, aos poucos, para a fricativa não-sonora em cabeça de sílaba, vistos os três primeiros exemplos.

4.2.5 As variáveis sociais

Considerando conjuntamente as variáveis sociais, a distribuição ficará de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 14

Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo as variáveis sociais

Variante Social		/ʒ/	/v/	/z/	TOTAL	Freqüência	
Nível fundamental	Faixa 1	Homem	-	13	4	17	10%
		Mulher	5	3	-	8	5%
	Faixa 2	Homem	-	-	3	3	2%
		Mulher	32	7	3	42	25%
Nível universitário	Faixa 1	Homem	5	2	4	11	6%
		Mulher	1	2	1	4	2%
	Faixa 2	Homem	29	14	3	46	27%
		Mulher	27	7	6	40	23%
TOTAL		99	48	24	171	100%	

Considerando separadamente os fatores sociais, os dados ficarão distribuídos conforme as tabelas 15, 16 e 17:

Tabela 15

Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo a faixa etária

Faixa Etária	Nº. oc.	Freqüência
Faixa 1 – 20 a 30 anos	40	23%
Faixa 2 – 46 a 61 anos	131	77%
TOTAL	171	100%

Tabela 16

Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo o nível de escolaridade

Escolaridade	Nº. oc.	Freqüência
Nível fundamental	70	41%
Nível universitário	101	59%
TOTAL	171	100%

Tabela 17

Realização aspirada de /ʒ, v, z/ cabeça de sílaba segundo o sexo do informante

Sexo	Nº. oc.	Freqüência
Masculino	77	45%
Feminino	94	55%
TOTAL	171	100%

Pôde-se perceber uma inversão quanto aos resultados obtidos com o /S/ em coda silábica, pois os informantes da faixa etária 2, do nível universitário e do sexo feminino irão realizar mais a aspiração do que os informantes da faixa etária 1, do nível fundamental e do sexo masculino. Destaque é dado aos informantes do nível universitário da faixa 2 (com 27% das 171 ocorrências para o do sexo masculino – o mesmo de estilo brincalhão já destacado anteriormente – e 23% para a do sexo feminino) e à mulher da faixa etária 2 do nível fundamental, com 25% das ocorrências.

Comparando essas variáveis sociais com o estudo feito por Marques (1998), em João Pessoa, somente o fator faixa etária coincide, visto que os informantes mais velhos aspiram mais em cabeça de sílaba do que os mais jovens. Nas outras variáveis, os homens e analfabetos ficarão em primeiro lugar. Vale destacar que a variante padrão foi quase unânime.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, acima de tudo, que o falante é criativo, que possui o poder de inovar, de provocar a diversidade, sem comprometer a unidade, como pode ser percebido dentre tantos estudos sobre os mais diversos fenômenos lingüísticos. O fenômeno da aspiração de fricativas não pode ser diferente: é inovador e já aparece em grande número quando o /S/ estiver em coda silábica diante de contexto fonológico sonoro. Aparece, timidamente, diante de contexto fonológico seguinte não-sonoro.

Além desse fator intralingüístico que favorece a aspiração de /S/ em coda silábica, podem-se citar outros, como quando o item lexical em que ocorre a aspiração for *mesmo*, responsável por mais da terça parte do total de ocorrências, podendo-se afirmar que houve uma difusão desse item lexical. O *mesmo* também é responsável pelas classes gramaticais dos advérbios e dos determinantes estarem entre as relevantes para a ocorrência da aspiração. Junto com essas classes, estão também as conjunções, os numerais e os pronomes, que obtiveram um peso relativo significativo. Apesar do maior número de ocorrências desse item lexical, a posição na sílaba em que o /S/ ocorre, quando em meio da palavra, obteve um peso relativo menor do que quando o /S/ da coda silábica está em final de palavra e diante de consoante.

Ainda quanto ao /S/ em coda silábica, os fatores sociais se demonstraram previsíveis, sendo a aspiração realizada mais por homens jovens do nível fundamental. Entretanto, há uma inversão quando se observa a aspiração em cabeça de sílaba, pois se registram mulheres (que são consideradas conservadoras), universitárias, da faixa etária 2 realizando a aspiração em maior número. Comparando-se com outros estudos feitos, mencionados neste trabalho, não há nenhum fator social (nem sexo, nem faixa etária, nem escolaridade) que favoreça a aspiração das consoantes fricativas, ora acontecem mais em um fator social, ora mais em outro.

As formas que mais favorecem a aspiração em cabeça de sílaba são, para o /ʒ/, o pronome *a gente*; para o /v/, o sufixo do imperfeito *-ava*. Para o /z/, não há um contexto que ocorra em maior quantidade, pode-se dizer que a sílaba átona de

vocábulos dissílabos paroxítonos é responsável pela aspiração. A cabeça de sílaba aspirada, em contexto não-sonoro, só foi documentada em poucos casos.

Conforme já comprovado por Canovas (1991) e Mota (2002a), esse fenômeno, em Salvador, não constitui estereótipo, pode, sim, ser considerado um indicador, pois apresenta uma distribuição regular nos grupos socioeconômicos e etários, são utilizados pelos falantes mais ou menos da mesma maneira em todos os contextos (MONTEIRO, 2000). Em outros locais do Nordeste, como no Ceará, em João Pessoa ou em Recife, o mesmo não ocorre, o fenômeno é visto como estigmatizado. Palácio (1989, p. 26) chega a chamar a troca da variante plena pela variante aspirada de “problema da permuta”.

Zágari (2003, p. 139) chama a atenção de que “[e]studar as mudanças não é estudar desvios. Estudar as mudanças é estudar o fazer-se da língua”. Neste trabalho, melhor seria substituir *as mudanças* por *variação*. Uma variação que soa estranha e que encanta ouvidos do “estrangeiro lingüístico”. Um “estrangeiro” que tentou mostrar que o “caos” da assistemática da língua pode ser organizado.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.) **Projeto atlas lingüístico do Brasil – ALiB**. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003 (Documentos; I). p.105-123.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Os estudos fonético-fonológicos no estado do Ceará. **Reunião anual da SBPC**. Fortaleza, 57, UECE, 17 a 22 de julho de 2005. Disponível em: <www.reacao.com.br/programa_sbpc57ra/sbpccontrole/textos/msocorroaragao2.htm> Acesso em: 21 ago. 2007.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S. In: _____; BISOL, Leda (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-49.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Descrição fonológica do português: a interpretação da vibrante. In: _____. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 74-78.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.) **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, v. 8. p. 537-555.
- CAMPELO, Kilpatrick M. B. Um estudo fonoestilístico da canção *A Rural II, a missão*, de Neo Pineo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 8., 23 a 27 ago. 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <www.filologia.org.br/viichlf/anais/caderno12-17.html> Acesso em: 21 ago. 2007.
- CANOVAS, Maria Irene Francisco. **Variação fônica de /s/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador**. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal da Bahia: Salvador.
- CANOVAS, Maria Irene Francisco. Enfraquecimento fônico de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador, Bahia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1., 11 a 16 de set. 1994, Salvador. **Atas...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994. 1 CD.
- CANOVAS, Maria Irene Francisco. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.) **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p.183-194.
- CARVALHO, Rosana Siqueira de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Editora UEL, 2001.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994 (Repensando a língua portuguesa).

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Werthein Tavares de. A pronúncia do -s pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: MOLICA, Maria Cecília; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). **Análises lingüísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 2000. p. 26-51.

LABOV, William. La motivación social de un cambio fonético. In: _____. **Modelos sociolingüísticos**. Tradução espanhola José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. p. 29-74.

LEMLE, Miriam. A análise sintática através dos diagramas em árvore. In: _____. **Análise sintática**: teoria geral e descrição do português. São Paulo: Editora Ática, 1984. p. 95-107.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. A Sociolingüística variacionista: fundamentos teóricos e metodológicos. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>> Acesso em: 09 jun. 2008.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. Aspiration das fricativas sonoras na comunidade pessoense. In: XVI Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, **Anais...** v. II, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1998. p. 342-344.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. Restrições sociais que norteiam a produção variável do fonema /v/ em João Pessoa. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Estudos sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004. p. 99-110.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. Determinantes. In: _____. **Gramática da língua portuguesa**: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. p. 256-264.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAIS, Clodomir Santos de. Contos verossímeis – Pedro Bunda. **Primeira Versão**. Porto Velho, ano 1, n. 71, fev. 2002. Disponível em: <www.primeiraversao.unir.br/artigo71.html> Acesso em: 21 ago. 2007.

MOTA, Jacyra Andrade. **O <s> em corda silábica na norma culta de Salvador**. 2002a. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOTA, Jacyra Andrade. A variação diafásica no português do Brasil. In: **Revista de Letras**, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 1/2, n. 24, p. 70-74, jan./dez. 2002b.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____. **Documentos II**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

PALÁCIO, Adair P. Um caso de permuta consonântica no dialeto de Recife. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 25-33.

PERINI, Mário A. O adjetivo e o ornitorrinco (dilemas da classificação das palavras). In: _____. **Sofrendo a gramática**: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 39-46.

PONTES, Eunice. Os determinantes em português. In: **Tempo Brasileiro**: lingüística e ensino. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, n. 53.154, p. 145-165.

Rossi

UFPB

NASCENTES (1953)

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: _____; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 37-50.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o –s pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLICA, Maria Cecília; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). **Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo.** Rio de Janeiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 2000. p. 52-64.

SILVA, Thaís Cristófar. O sistema consonantal do português brasileiro. In: _____. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 1999. p. 48-53.

SILVA-CORVALÁN, C. Sociolingüística y dialectología. In: _____. **Sociolingüística: teoría y análisis.** Madrid: Alhambra, 1988. p. 8-15.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** 7ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. Série Princípios.

VIARO, Mário Eduardo. Ramo lá, carralo réio. **Língua portuguesa**, Ano II, n. 20, 2007. p. 61-64.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. A dimensão sociolingüística do Projeto ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.) **Projeto atlas lingüístico do Brasil – AliB.** Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2003 (Documentos; I). p. 139-152.